

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ORNITOLOGIA

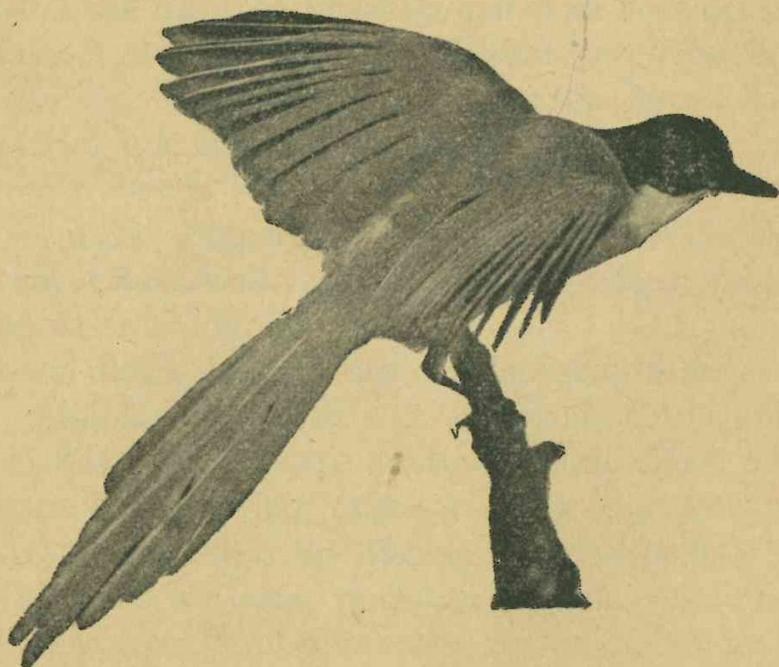
NA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

---

OS NAVIOS EM NAVEGAÇÃO NOS MARES AUXILIARES PRESTIMOSOS DAS AVES MIGRADORAS

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

*Prof. de Zool. da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em comissão de serviço na Univ. de Luanda, e Presidente da Soc. Portuguesa de Ornitologia.*



Empresa Industrial Gráfica do Porto, L.da  
Praça da República, 57  
PORTO



3)  
93.2(04)  
AN

Extracto do fascículo 2.º do volume I  
de

*CYANOPICA*

Boletim da Sociedade Portuguesa  
de Ornitologia

1970

# OS NAVIOS EM NAVEGAÇÃO NOS MARES AUXILIARES PRESTIMOSOS DAS AVES MIGRADORAS

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

*Prof. de Zool. da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em comissão de serviço na Univ. de Luanda, e Presidente da Soc. Portuguesa de Ornitologia.*

As aves migradoras, fugindo ao frio, à fome e à seca, fazem viagens enormes em busca de novo habitat.

Muitas aves europeias, nas migrações outonais, sobrevoam o Mediterrâneo e vão para a África, onde fazem os seus quartéis de inverno.

Neste caso o voo sobre as águas do mar pode ser curto, como sucede na travessia do estreito de Gibraltar, ou relativamente curto, como por ex.: na rota migratória que vai do sul da Itália ao norte de África que lhe fica fronteiro.

Esta última travessia, que as codornizes fazem num só voo, praticamente é nada comparada com as migrações de algumas aves da família *Charadriidae*, tais como borrelhos, maçaricos, fuselas, tarambolas ou douradinhas.

Uma destas últimas aves, uma douradinha, «pluvier doré» dos franceses, originária do Alaska e da península de Tchoukotsk, vai hibernar na ilha Hawai. Entre o Alaska e estas ilhas, perdidas em pleno oceano Pacífico, não existe a menor porção de terra.

Por isso, as douradinhas do Alaska, que não podem pousar na água, sob pena de não mais poderem levantar voo, e morrerem afogadas, percorrem num único voo, em média em 22 horas, os 3000 Km que vão do Alaska às ilhas Hawai <sup>(1)</sup>.

<sup>(1)</sup> — Igor Akimouchkine, Où et comment, Editions MIR, Moscou, 1968, pág. 51

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 54890 *Renner*

*Barcelos*



Os *Phylloscopus*, Silviídeos de pequenino porte, fazem também grandes viagens migratórias.

Uma destas aves o minúsculo *Phylloscopus borealis*, que vive na estepe siberiana, vai hibernar na Indonésia (1). A distância que tem de percorrer entre a Sibéria e a ilha de Java é de alguns milhares de quilómetros.

No decurso das suas longas migrações sobretudo nomeadamente sobre o mar, as aves fatigam-se muito. Quando atingem um alto grau de cansaço, e, quando quase sem forças, estão na eminência de caírem ao mar, e morrerem afogadas, e que não é raro, as aves vão pousar sobre o quer que seja. Diz-se que muitas aves de pequeno porte podem ser levadas por aves de maior porte, cavalgando-as, certamente em parte metidas debaixo das penas da cobertura dorsal.

Há algumas observações de tais factos que, se não permitem considerá-las processo normal de transporte migratório, não são sem qualquer dúvida, casos de extema raridade.

Mas grande sorte é para as aves em migração sobre o mar encontrarem um navio no seu caminho.

As aves então vão pousar nas vergas, cordames e superestruturas dos navios.

Têm-se visto pousar sobre navios em marcha, grandes bandos de aves migradoras que neles permanecem algumas horas, sobretudo se o rumo do navio coincide com a sua rota migratória.

★

Numa viagem para Luanda em Outubro de 1969 a bordo do navio ANGOLA, tive o ensejo de observar aves migradoras que, pousadas na superestruturas do navio, esvoaçavam de baleeira para baleeira, de gradeamento para gradeamento, e que inclusivé pousaram no tombadilho.

O navio saiu de Lisboa no dia 5 de Outubro de 1969 às 21 horas.

No dia seguinte, 6 de Outubro, a caminho da Madeira, pelas 11 horas e meia vi no navio, esvoaçando de lado para lado, um tralhão, *Ficedula hypoleuca*, e uma felosa ou papa moscas *Phyllos-*

---

(1) — Igor Akimouchkine, Où et comment, Editions MIR, Moscou, 1968, pág. 51-52.

*copus trochilus*, que, de binóculo, pude observar socegradamente a 15 e 20 m de distância.

Na mesma altura vi duas rolas *Streptopelia turtur* que voaram para o navio e foram pousar na plataforma que tapava a maior parte da chaminé.

Na altura em que vi estas aves, eram como disse, 11 horas e meia.

Informações fornecidas pela ponte de comando do navio davam a situação deste sensivelmente a meio caminho de Lisboa ao arquipélago da Madeira ou, com precisão, a 240 milhas do Cabo de S. Vicente, ou sejam 444 km, e a 235 milhas da Ilha de Porto Santo, ou sejam 435 km <sup>(1)</sup>.

As rolas ainda foram vistas até à meia tarde.

Para o fim da tarde não voltei a vê-las, sem contudo saber se teriam deixado o navio ou se estariam pousadas dentro de alguma baleeira ou agachadas em qualquer recanto.

O tralhão e a felosinha, ou papa moscas, é que os vi até ao fim da tarde.

Na manhã seguinte chegamos à baía do Funchal pelas 6 horas e meia.

Amanhecia. Pesquizei a parte alta do navio e não mais vi estas duas aves.

É de admitir que, a menos que tenham voado do navio durante a noite, o que não é provável, o tivessem deixado de madrugada, quando o navio passou ao lado da ilha de Porto Santo, ou quando o navio chegou à vista da Madeira.

No dia 8 de Outubro, o companheiro de bordo, trasmontano de Freixo de Espada-à-Cinta e caçador, Ten.-Coronel Aviador Sr. Manuel Fernando Morais Duarte, viu a bordo uma rola, que viu com segurança ser uma *Streptopelia turtur*.

Estávamos a 93 milhas (172 km) de Tenerife. A distância à costa de África, Cabo Verde, eram 150 milhas (278 km).

---

(<sup>1</sup>) Ao comandante do navio «Angola», Sr. Pedro Vilhena e Vasconcelos, pelas indicações fornecidas quanto à posição do navio nos dias e horas referidos, bem como por todas as atenções que gentilmente nos concedeu, aproveito o ensejo de testemunhar o meu agradecimento.

Tínhamos passado umas 20 a 25 milhas (cerca de 40 km) a leste da Selvagem Grande.

Pode admitir-se que esta rola voando da Europa para a África, tivesse desviado a sua trajectória para o ocidente sobre o mar, e que, por encontro fortuito com a rota do navio, viesse pousar nele, para após o descanso necessário retomar o vôo.

Pode também admitir-se que a rola tenha vindo da Selvagem Grande onde quinze dias antes, de 21 a 24 de Setembro, anilhámos 3000 cagarras.

Ali vimos também algumas rolas que foram computadas entre 15 a 20.

A hipótese desta rola vista a bordo ter vindo da Selvagem é menos provável que a anterior. É que as aves terrestres migradoras que, por qualquer circunstância forem parar à Selvagem Grande, onde não há água, ou prosseguem no vôo, após algumas horas de descanso, ou permanecem, e terminam por morrer à fome e à sede. Ali deparamos com várias aves mortas. No dia 23 de Setembro vi duas rolas voarem até à beira mar na baía das cagarras e beberem água salgada! No mesmo dia uma rola, foi apanhada à mão, por tão fraquinha que estava já mal poder voar. Tinha o papo completamente vazio à palpação. Ainda se lhe fez engulir alguns grãos de trigo e se lhe deu água doce. De nada valeu. Morreu em pouco mais de meia hora após ter sido agarrada.

Nos navios é frequente pousarem aves em migração.

Os casos que referimos vêm juntar-se a tantos outros que têm sido observados, muitos sem a indicação precisa das espécies e não publicados.

Seria interessante que na quadra das migrações os navios no tombadilho cimeiro tivessem comida e um ou mais baldes com água doce, para que as aves terrestres que neles por acaso viessem pousar, pudessem matar a sede e, após o necessário descanso, continuarem a voar para os seus quartéis de inverno.

★

★ ★

No dia seguinte, 9 de Outubro de tarde viram-se no navio 2 felosinhas ou papa moscas. Procurei-os insistentemente até que

pelas 17 h., vi um deles *Phylloscopus trochilus*, dentro duma baleeira saltitando de lado para lado bicando aqui e ali, apanhando alguma mosquinha. Vi depois o outro que me pareceu mais pequenino e mais esguio. Nunca o consegui observar à vontade, dado o seu irrequietismo saltitante, esvoaçando de lado para lado.

No entanto ficou-me a impressão de que as patas eram um tanto escuras e como este carácter é habitual no *Phylloscopus collybita* é de crer que pertencesse a esta espécie.

Há anos que venho estudando, de modo especial, estas duas espécies de *Phylloscopus*, que em média pesam 9 gr.

Sabendo-se que uma carta paga o porte de um escudo até ao peso de 20 gr. pode fazer-se uma ideia da leveza destas pequeninas, graciosas e utilíssimas aves, dada a quantidade de insectos que devoram em cada dia.

Em experiências feitas na estação ornitológica russa de Zvénigorod adestrada à Universidade de Moscovo, o *Phylloscopus collybita*, de 9 gr. de peso, em cativeiro e em 24 horas, comeu 17 gr. de larvas de formigas. Quase duas vezes o seu peso! A actividade muscular que entra em jogo no vôo é grande consumidora de inergias; a maior parte da alimentação é utilizada para satisfazer os gastos de inergias mecânicas.

Sabendo-se que uma ave em liberdade é muito mais activa do que em cativeiro, e portanto a quantidade de alimento em tais condições deve ser bem maior, pode ajuizar-se quão benéficos são os pequeninos *Phylloscopus*. Tudo quanto se faça para proteger estas felosinhas ou papa moscas terá ampla compensação pela enorme quantidade de insectos destruídos por estas utilíssimas avezinhas. Princípio que se pode estender a um grande número de aves.

Com a colocação no tombadilho cimeiro dos navios de um ou mais baldes ou outras pequenas vasilhas com água doce, as aves em migração, que viessem pousar no navio, podiam matar a sede e, após o necessário descanso, continuarem o vôo para os seus quartéis de inverno.

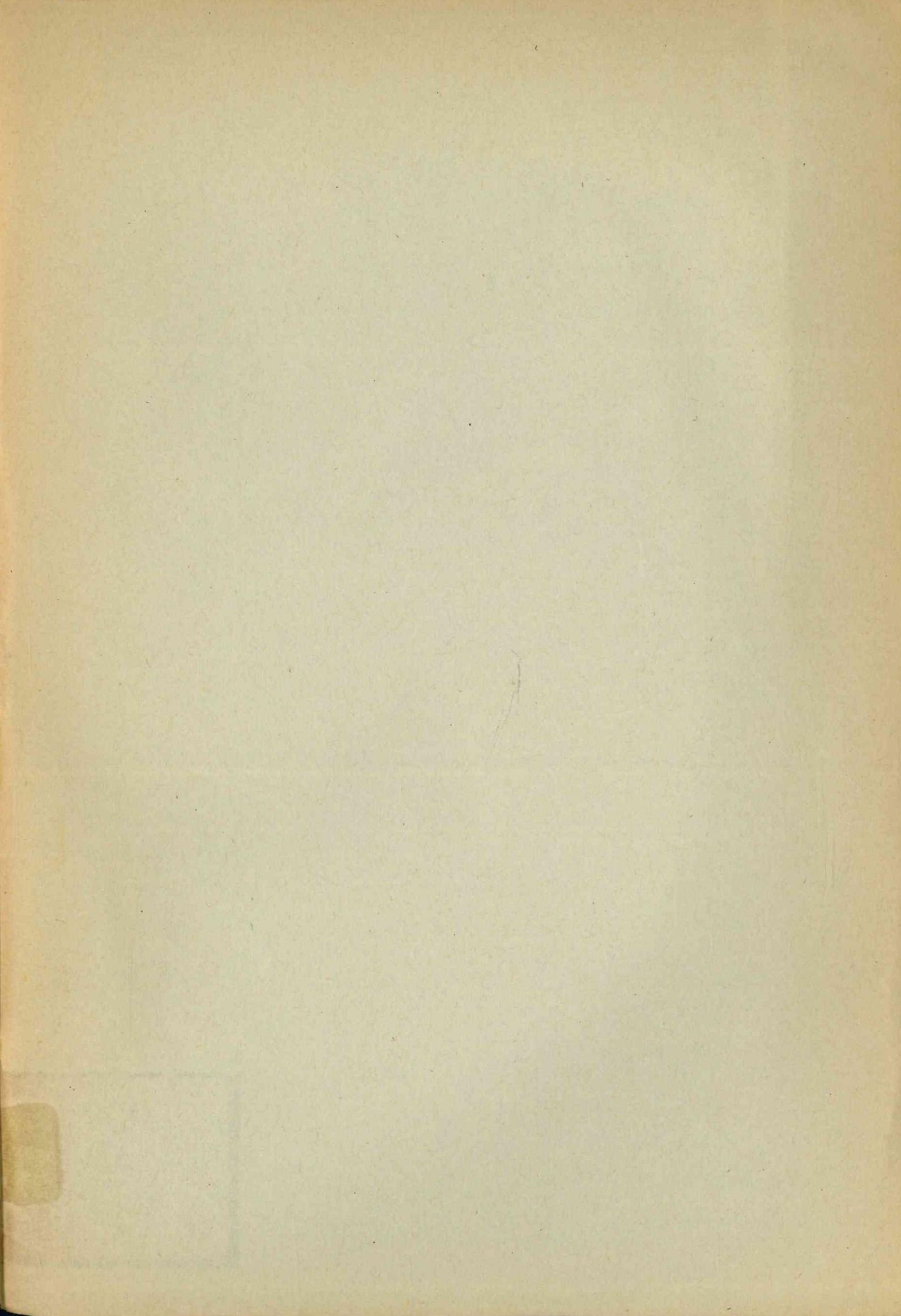
Luanda — Janeiro de 1970.



---

COMPOSTO E IMPRESSO NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, LDA.  
EDIÇÕES «MARÂNUS» • PRAÇA DA REPÚBLICA, 57 • TELEFONE 20504





biblioteca  
municipal  
barcelos



54890

Os navios em navegação nos  
mares auxiliares presti